

# Questões sobre o Ódio e a Destrutividade na Metapsicologia Freudiana

Luís Carlos Menezes

O ódio é, originalmente, expressão da hostilidade do eu contra o outro ameaçador. A relação primeira será pois uma relação de ódio e não de amor.

**N**o tempo de uma década, iniciada em meados dos anos 90, Freud construiu um imponente sistema teórico para dar conta do sofrimento neurótico: as neuroses foram descritas em quadros nosográficos frutos da observação fina de suas manifestações mas, também, produto do enorme poder heurístico oferecido pelas concepções metapsicológicas iniciais. As muitas pontas do iceberg fornecidas pela observação se interligavam com incrível docilidade à sua teoria do aparelho psíquico. A viga-mestra dessa teoria era a noção de conflito defensivo, um conflito intrapsíquico que supunha uma diferenciação tópica e o jogo contraditório de forças que nunca resultava no desaparecimento de uma de-

**Luís Carlos Menezes** — Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro associado da Sociedade de Psicanálise de São Paulo.

las; a tendência **vencida**, ao contrário, embora excluída da vida psíquica consciente, pelo recalque, não só guardava o seu vigor como adquiria, por assim dizer, ao menos potencialmente, uma nova virulência. Tornava-se como que indestrutível transmitindo ao sintoma uma consistência, que o tornava refratário a qualquer forma de tratamento psicológico que se baseasse apenas em atitudes compreensivas, admoestações, ponderações de bom senso etc.

O estudo dos sonhos permitiu a descoberta de um modo de funcionamento do pensamento inconsciente totalmente distinto do que era até então conhecido como atividade psíquica. Tratava-se de um pensamento primário, caleidoscópico, dominado pela busca exclusiva e imediata do prazer e da realização do desejo, verdadeiro mundo dos sonhos, rebelde às exigências da realidade, funcionando na recusa constante, por assim dizer alucinatória, da espera e da falta a que constantemente o sujeito está confrontado em sua vida real. Todos os elementos sintáticos que dão conta desses impedimentos no pensamento consciente cedem o lugar a uma gramática simples e des-real feita por assim dizer somente de substantivos, investidos, desinvestidos e sobreinvestidos (condensação e deslocamento) sempre a serviço do princípio do prazer.

Freud tornava assim compreensível o caráter repetitivo, irrefreável do sintoma neurótico, capaz de introduzir duravelmente impedimentos mutiladores, aparentemente absurdos, em vidas que em si eram cheias de possibilidades e que, em todo caso, não continham nada que justificasse no plano da realidade as inibições, os impasses, o sofrimento causado pela doença psíquica. O tratamento psicanalítico que permitia o acesso aos conflitos subjacentes no sintoma, baseado na fala associativa do analisando e na atenção fluante do terapeuta, era congruente e se

apoiava inteiramente nessas concepções sobre a psicopatologia das neuroses e sobre o funcionamento psíquico.

Em 1905, como os “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud completa o seu sistema teórico-clínico — a sua metapsicologia — ao introduzir o conceito de pulsão para designar o fundamento da força tenaz introduzida pelo recalque no sintoma neurótico, assim como em qualquer outra produção psíquica marcada pelo selo do inconsciente. A pulsão não é uma força genérica: Freud a situa no cerne da sexualidade, concebida como abrindo-se sobre toda a gama do erotismo corporal na forma de uma energia, maleável, transformável, que ele chama de libido.

O conflito defensivo comporta pois de um lado o eu como instância recalcante, do outro, do lado do recalque, fantasias de desejo eróticas, sexuais, em que a pulsão se faz presente pelo seu traço mais saliente: o de ser uma pressão constante.

Se fiz este longo e ao mesmo tempo rápido sobrevôo do sistema teórico produzido até então por Freud, foi para dizer que, embora ali se encontrem os conceitos fundamentais da teoria e da prática da Psicanálise, este sistema, apenas constituído, começou a encontrar dificuldades para dar conta, plenamente, de certas configurações encontradas na clínica, a começar pela neurose obsessiva, estudada no caso conhecido como o Homem dos Ratos (1909).

A análise revelou como peça central desse caso de neurose obsessiva o ódio inconsciente, recalque, contra o pai. Era característico deste paciente o que Freud chama de “coexistência crônica do amor e do ódio em relação à mesma pessoa”, isto é, a ambivalência afetiva. Freud conclui que este traço “é um dos caracteres mais frequentes, mais acentuados e, por isso mesmo, um dos mais importantes provavelmente de neurose

obsessiva”. E, para além da neurose obsessiva, Freud afirma que “o ódio mantido pelo amor no inconsciente” desempenha também “um grande papel na patogênese da histeria e da paranóia”<sup>1</sup>.

## **Duas observações são aqui necessárias:**

**1** Se o recalque, e portanto o inconsciente, é de natureza sexual libidinal, o que pensar da gênese de uma neurose baseada no recalque do ódio? Qual a relação entre o ódio com a teoria da libido ou, ainda, qual a natureza pulsional do ódio?

**2** É preciso notar também que ao colocar o ódio do lado do recalque Freud põe, do lado do recalcante, o amor. A oposição eupulsão sexual é deslocada para a oposição amor-ódio: a causa do recalque do ódio sendo o amor pela mesma pessoa.

Esses problemas obviamente não escapam a Freud. Perplexo, ele afirma conhecer muito pouco sobre a natureza do amor e, em particular, sobre a relação que qualifica de “totalmente obscura” entre o “fator negativo do amor” e a “componente sádica da libido”<sup>1</sup>.

Confrontado à dificuldade recorre primeiro ao poeta, citando numa passagem do Banquete, de Platão, em que Alcebiades fala de seu amor ambivalente: “muitas vezes eu sinto o desejo de não mais vê-lo entre os vivos. E no entanto, se isto acontecesse, eu sei, eu seria ainda mais infeliz”.

Limita-se, em seguida, a sugerir “a título provisório”, que o ódio inconsciente esteja relacionado com um sadismo constitucionalmente muito forte e precocemente reprimido. Freud atém-se, pois, à sua teoria da libido, ao situar o ódio ao lado da pulsão sádica, mas a relação entre ódio e sadismo permanece para ele um enigma. Este enigma passará a funcionar como um grão de areia na engrenagem de sua metapsicologia e, talvez não seja exagero dizer que

este grão de areia vai ser responsável por todos os deslocamentos e remanejamentos metapsicológicos que se produzirão a partir de então na obra de Freud.

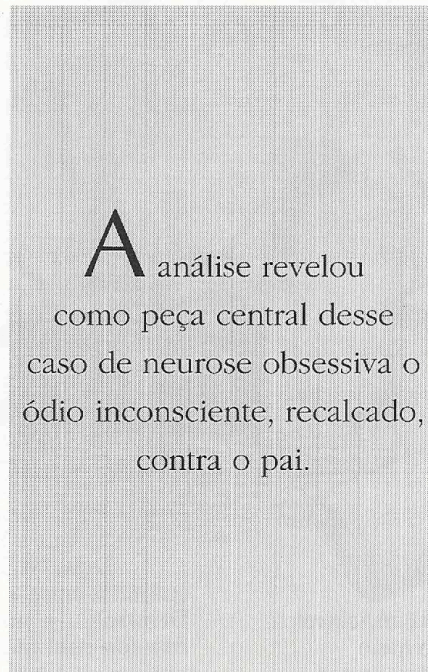
Antes de ir adiante vale lembrar que em 1896, quando ainda vigorava a teoria de sedução, Freud tinha atribuído a etiologia da neurose obsessiva a uma experiência sexual da infância, vivida não sob forma passiva como na histeria, mas de maneira ativa: tratava-se de uma “agressão praticada com prazer, de uma participação vivida com prazer, a atos sexuais”<sup>2</sup>. A intuição do prazer na agressão, de uma sexualidade agressiva, da importância pois do sadismo na neurose obsessiva, já está presente nessa teoria. Freud não se atém ainda à ambivalência nem à idéia de um ódio inconsciente, embora destaque a auto-recriminação, ou seja, a culpabilidade inconsciente que passará a ocupar um lugar crescente tanto na teoria como na clínica a partir da análise do Homem dos Ratos (1909)<sup>1</sup>.

Nos “Três Ensaios” (1905), Freud refere-se a uma “pulsão de crueldade”, considerada por ele como um “fator de comportamento sexual” da qual, até hoje, afirma ele “não foi possível fazer uma análise aprofundada”. Menciona nesse texto “o perigo” de uma “associação entre pulsões eróticas e a crueldade”, formulação que testemunha da ambigüidade em situar essa pulsão parcial: ora é um “fator da componente sexual”, o que é vago, ora é expressão da erotização da crueldade<sup>3</sup>.

Em 1911 Freud publica o seu primeiro grande trabalho sobre a psicose, conhecido como o Caso Schreber. A violência pulsional subjacente ao quadro é atribuída não à exacerbação de pulsões destrutivas, mas a uma “explosão de libido homossexual”. O ódio paranoico seria secundário ao amor homossexual de Schreber por seu médico, correspondendo a um contra-investimento denegatório,

defensivo. O delírio de perseguição resulta da projeção do ódio, numa seqüência que se resume assim: “eu não o amo, eu o odeio”, a que se segue uma segunda denegação: “não sou eu quem odeia é ele que me odeia, por isso me persegue”<sup>4</sup>.

Freud já havia assinalado, em um artigo de 1896, a importância do mecanismo de projeção na paranóia, bem como a existência de “uma alteração do eu” nessa patologia<sup>5</sup>. No Caso Schreber Freud precisa a natureza da “alteração do eu”, situando-a em relação à



noção de narcisismo, ou seja, à idéia de uma sorte de balanceamento entre a libido narcísica investida no próprio eu e a libido de objeto. Na predisposição à paranóia haveria uma maior labilidade dos investimentos de objeto, que tenderiam a ser totalmente abandonados, num primeiro tempo, a libido refluindo para o eu; o delírio corresponderia então a uma tentativa de reinvestimento objetal e de reconstituição do mundo.

A mesma “alteração inicial” é atribuída ao eu na origem da melancolia em “Luto e Melancolia”

(1915): o investimento de objeto “é pouco resistente” também nesta psicose<sup>6</sup> e, diante de uma decepção, de uma perda, de um ferimento narcísico infligido pelo outro, a libido se retira do objeto, voltando-se para o eu, num movimento que Freud chama de “identificação narcísica”, já que resulta aqui na introjeção do objeto.

Na melancolia, como na neurose obsessiva, a ambivalência em relação ao objeto é muito acentuada<sup>7</sup>. O amor pelo objeto se satisfaz sob um modo arcaico pela incorporação do objeto, ou seja, pela identificação narcísica, enquanto o ódio se volta para o próprio eu, cindido entre uma parte que se compraz em atacar e a outra em ser atacada. Preefigurando o conceito de super-eu da segunda tópica, o objeto introjetado está carregado de ódio e encontra uma evidente satisfação sádica nos sofrimentos que inflige ao eu.

Ódio e sadismo, entendido como pulsão libidinal, continuam a andar juntos, quase superpostos, mas com o conceito de narcisismo será possível formular uma articulação e portanto uma diferenciação entre ambos. É o que Freud faz em Pulsões e suas Vicissitudes (1915), ao trazer uma primeira resposta para o difícil problema com que se deparara em o Homem dos Ratos, qual seja o do lugar a dar ao ódio em sua metapsicologia<sup>8</sup>.

Neste texto Freud distingue o sadismo, pulsão parcial da teoria da libido, do ódio cuja gênese se situa na oposição eu (sujeito)/objeto (mundo exterior) e que fora posta em evidência nas psicoses como oposição libido narcísica/libido de objeto. Por objeto entende-se aqui o outro do eu narcísico, o não-eu, o estrangeiro, concepção diferente da de objeto da pulsão descrita nos Três Ensaios, como aquilo que é necessário, contingencial, para a satisfação da pulsão<sup>9</sup>.

Na gênese do eu haveria um momento em que este atribuiria a si-mesmo todas as fontes de pra-

zer enquanto o mundo exterior, isto é, o objeto, o outro — aquilo que não é eu — seria inicialmente indiferente e em seguida fonte de desprazer<sup>d</sup>. Essa situação se mantém graças à introjeção do que no outro é apaziguador, prazeroso, e à projeção do que nele próprio é excitação, perturbação, portanto desprazer. O ódio é originariamente expressão da hostilidade do eu contra este outro ameaçador, como fonte de desprazer, é o movimento do eu visando afastar, eliminar, destruir o objeto perturbador. A relação primeira, originária ao outro, seria pois uma relação de ódio e não de amor<sup>6a,7</sup>.

É somente num terceiro tempo que o amor aparece na relação ao outro: é quando o objeto é reconhecido como fonte de prazer, o que leva o sujeito a procurar aproximá-lo de si, a preservá-lo, num movimento que corresponde ao amor.

Seqüência genética que deve ser compreendida também estruturalmente, de maneira a se entender que todo amor ao objeto é ambivalente em seu fundamento: o reconhecimento do objeto, do outro como diferente, é uma concessão laboriosa, sempre provisória do eu narcísico. Este, em seu íntimo, nunca deixa de estar desconfiado do que Ferenczi chama de “malícia do objeto”<sup>8</sup>, ou seja, a sua teimosia em não se adequar completamente às necessidades e desejos do eu, em se mostrar distinto dele. Se dissermos, inspirados em Melanie Klein, que o eu se constitui sobre um fundo de angústia paranóides ou, inspirados em J. Lacan, que o eu é em sua essência paranóico porque constituído na própria alienação, no engodo, numa relação de incerteza identitária originária, creio que não teremos nos afastado muito da intuição freudiana sobre a origem narcísica do ódio.

O objeto é pois uma fonte primária de sofrimento narcísico que precisa ser contrabalançado pelo amor, pelo investimento libidinal.

Essa relação primária de ódio fica particularmente evidente nas psicoses, seja na paranóia em que o sujeito vai até a destruição física do objeto, seja na melancolia em que recorre ao suicídio para eliminar o outro, seja na esquizofrenia e na esquizoidia em que toda manifestação de um outro é vivida como uma ameaça iminente.

Na neurose obsessiva o objeto é preservado através de uma forma de amor arcaico em que a finalidade libidinal se assemelha ao objetivo do ódio, já que a satisfação pulsional própria ao sadismo

## Culpabilidade inconsciente que passará a ocupar um lugar crescente tanto na teoria como na clínica a partir da análise do Homem dos Ratos

consiste em maltratar, em torturar, ainda que sutilmente, o objeto de amor. É como se este objetivo pulsional impedisse o ódio de atingir os seus fins, quais sejam, a eliminação ou o desinvestimento do objeto. A erotização do ódio, ao contrário, preserva o vínculo ao objeto, mas também transfigura o ódio numa força pulsional.

Em suma, em “Pulsões e suas Vicissitudes”, Freud situa as raízes pulsionais do amor nas pulsões sexuais, o amor “coincidindo com a tendência sexual em sua totalidade”; o ódio se situa do lado da

“luta do eu por sua conservação e afirmação”<sup>6a</sup>. Portanto o ódio não corresponde a rigor a uma pulsão, a não ser referido à idéia, de pouco alcance, das pulsões de auto-conservação. O ódio só adquire um caráter propriamente pulsional se erotizado, ou seja, na medida em que proporcione satisfações sado-masoquistas.

Com a reviravolta de 1920, em torno da introdução do conceito de pulsão de morte, a oposição libido narcísica/libido de objeto ainda que não tenha sido abandonada, Freud a retoma em cada uma das obras que seguem “Além do princípio do prazer”, o suporte que ela fornecia para a teoria da origem narcísica do ódio torna-se por assim dizer desnecessária. Ao postular um conflito fundamental entre tendências de vida e tendências desagregadoras, destruidoras, voltadas para a morte, a problemática da oposição amor-ódio vai naturalmente coincidir com essa nova oposição pulsional. Se o ódio, assim como o que lhe era correlato — a ambivalência, a culpabilidade e o sentimento moral — ficava numa posição marginal, sendo muito difícil de inseri-lo e de compreendê-lo à luz da primeira teoria das pulsões, agora, ao contrário, este se torna como uma decorrência natural da pulsão de destruição, um dos pólos do novo dualismo pulsional.

A pulsão de destruição é, na verdade, um dos destinos possíveis da pulsão de morte. Esta, diz Freud em “O problema econômico do masoquismo” (1924) pode ser defletida para o exterior, graças à libido narcísica, quer dizer, voltar-se contra o objeto na forma da pulsão de destruição<sup>9</sup>. A pulsão de destruição coincide aqui, em suas finalidades, com o objetivo do ódio na teoria narcísica do ódio.

O segundo destino da pulsão de morte é ainda a pulsão de destruição, mas desta vez erotizada, dando origem ao sadismo, à pulsão sádica. Esta formulação correspondente à do ódio da teoria an-

terior, exceto que aqui o sadismo seria sempre decorrente da associação entre libido (Eros) e pulsão de destruição (pulsão de morte) e não mais propriamente uma modalidade da libido.

Finalmente, a pulsão de morte pode permanecer “no organismo” ligada à libido na forma de um masoquismo primário, chamado por Freud de masoquismo erógeno. A concepção de um masoquismo primário não encontra equivalente na primeira teoria das pulsões, a menos que retomemos a noção de co-excitação sexual dos “Três Ensaios. Freud diz ali que qualquer emoção como a angústia, o medo ou mesmo a dor podem produzir excitação sexual. Ora, em “Pulsões e suas vicissitudes” ele escreve que “infligir a dor (ao objeto) não desempenha nenhum papel nos objetivos originalmente visados pela pulsão. Para a criança sádica, infligir dor... não é o que ela visa”<sup>6b</sup>. É somente depois de experimentada em si mesma a excitação sexual ligada à dor — por co-excitação —, quer dizer, a satisfação masoquista, que infligir dor ao outro, agredir, fazer mal passa a ser um objetivo pulsional. Laplanche nota com razão que o primeiro tempo sexual é aqui o masoquista. O tempo propriamente sádico supõe um tempo masoquista anterior, de maneira que já neste texto, ainda no quadro da primeira teoria das pulsões, há a noção de um masoquismo primário.

Confesso pois que não consigo ver o que o conceito de uma pulsão de destruição acrescenta para a elucidação do problema que nos ocupa, qual seja, o da origem, da natureza e dos destinos do ódio. Quanto à origem e à natureza do ódio, parece-me bem mais fecunda a teoria anterior, que põe em relação ódio e narcisismo. Quanto aos destinos do ódio, não há dúvida que, nos textos posteriores a “Além do princípio do prazer” há uma nítida consolidação do espaço crescente que vinha

sendo ocupado pelo sadismo e pelo masoquismo na metapsicologia freudiana. O sadismo e o masoquismo parecem estar de alguma maneira presentes, desde então, em todas as modalidades da libido. Freud afirma em 1924<sup>9</sup> que “o masoquismo erógeno toma parte em todas as fases do desenvolvimento da libido e empresta delas a sucessão de roupas psíquicas que reveste”: “a angústia de ser devorado” ligada à organização oral, o “desejo de apanhar” à fase sádico-anal e, mesmo, as fantasias de castração da fase fálica com-

**É** quando o objeto é reconhecido como fonte de prazer, o que leva o sujeito a procurar aproximá-lo de si, a preservá-lo, num movimento que corresponde ao amor. Todo amor ao objeto é ambivalente em seu fundamento

portando uma satisfação masoquista.

A oposição entre o super-eu, objeto carregado de sadismo, introjetado no eu e um eu potencialmente masoquista, passa a ter grande importância na compreensão da culpabilidade inconsciente na melancolia, na neurose obsessiva ou na reação terapêutica negativa<sup>10</sup>. O conflito defensivo, antes limitado ao confronto entre o eu e os desejos inconscientes, situa-se agora também no interior do eu, o eu, sendo considerado em grande parte inconsciente, passa a ser o

“novo teatro”, na expressão de Freud, onde se desenrolam os conflitos intrapsíquicos. Teatro interno ao eu (*um “mundo interno”*?) onde se põe em cena o jogo das relações de amor e de ódio entre o eu e o outro, agora introjetado<sup>f</sup>.

Em Além do princípio do Prazer, obra em que Freud introduz a idéia de pulsão de morte, o tema que ocupa não é a destrutividade, e sim a compulsão à repetição presente nos sonhos da neurose traumática, mas que ocorrem igualmente em qualquer análise, sonhos que não correspondem ao princípio do prazer, que não visam à realização do desejo: neles o que se repete são experiências penosas, de sofrimento psíquico; são, diz Freud, “cicatrices narcísicas” deixadas pelas humilhações infligidas no contexto do complexo de Édipo, que tendem à repetição também na transferência. O que Freud põe em primeiro plano nesse texto é a noção de traumatismo psíquico concebida como machucado, efração, ferida do eu narcísico e a necessidade de ligação psíquica dele decorrente. Ele dedica, nessa obra, apenas duas páginas à ambivalência afetiva e ao sadismo; depois de formular a teoria de uma pulsão de destruição derivada da pulsão de morte, afirma que tal idéia “não faz sentido” e que dá “uma impressão francamente mística”<sup>14</sup>.

Freud refere-se ali ao trabalho de Sabina Spielrein “A destruição como causa de devenir”, publicado anos antes (1912). Nesse trabalho a autora afirma que “há algo no fundo do indivíduo que por paradoxal que possa parecer à primeira vista, o leva a fazer mal a si mesmo e que lhe dá prazer nisto”<sup>15a</sup>, concluindo pela existência de uma “componente destrutiva do instinto sexual”, ou ainda de um “instinto sexual de morte, de um instinto de destruição oposto ao instinto de vida”<sup>15b</sup>. A componente destrutiva seria a causa da ambivalência amor-ódio nas rela-

ções de objeto bem como da pulsão sadomasoquista. Esse trabalho da ex-analisanda de Jung contém pois a intuição precursora de um masoquismo primário ao instalar no fundo do indivíduo um “prazer a se fazer mal”.

É interessante aqui citar uma passagem do comentário de Federn, feito na época, a este trabalho:

“... sem que nada lhe autorize (ela) supõe, na base de tais processos de destruição e de transformação, uma pulsão particular, e os remete pois a um objetivo perseguido enquanto tal pelo indivíduo, em vez de ver ali manifestações acompanhando fenômenos de origem sexual, ou decorrendo deles”. E Federn conclui dizendo que o método da autora é perigoso por buscar explicações “em causas longínquas” e não em “determinações mais imediatas”, o que a aproxima “dos grandes pensadores místicos”<sup>16</sup>.

Não se poderia dizer o mesmo da pulsão de destruição de Freud?

Devo observar que o meu objetivo aqui era o ódio e não a pulsão de morte; por isso, esta só foi considerada na medida em que entrava em relação com o tema — o ódio e o sadismo — enquanto pulsão de destruição. A interpretação que fez Lacan da pulsão da morte, por exemplo, refere-se não à destrutividade mas ao recalque primário, o que não estava em meu propósito.

#### BIBLIOGRAFIA

1. Freud, S. **“L’homme aux rats”** (1909) em Cinq psychanalyses — PUF p. 254-255, Ed. Std. Bras. Vol. X p. 239-241.

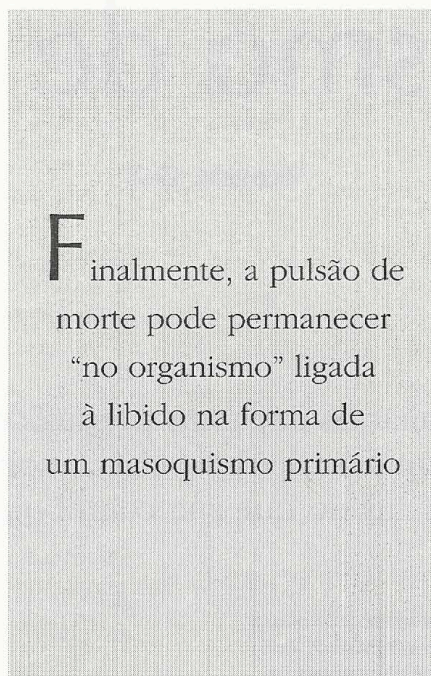
2. \_\_\_\_\_ **“Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense”** em Névrose, psychose e perversion PUF a) p. 66 - 67; b) p. 80-81. Ed. Std. Bras. Vol. III a) p. 194; b) p. 210-211.

3. \_\_\_\_\_ **“Trois essais sur la théorie de la sexualité”** (1905) Ed. Folio p. 88-90. Ed. Std. Bras. Vol. VII p. 197-198.

4. \_\_\_\_\_ **“Le président Schreber”** (1911) em Cinq psychanalyses PUF p. 308. Ed. Std. Bras. Vol. XII p. 85-86.

5. \_\_\_\_\_ **“Deuil et Mélancolie” em Metapsychologie**. Gallimard p. 158. Ed. Std. Bras. Vol. XIV, p. 281.

6. \_\_\_\_\_ **“Pulsions et destins des pulsions”** (1915) em Metapsychologie. Gallimard a) p. 34-44; b) p. 28. Ed. Std. Bras. Vol.



**F**inalmente, a pulsão de morte pode permanecer “no organismo” ligada à libido na forma de um masoquismo primário

XIV a) p. 154-162; b) p. 149.

7. \_\_\_\_\_ **“La disposition à la névrose obsessionnelle”** (1913) em Névrose, psychose et perversion. PUF p. 197. Ed. Std. Bras. Vol. XII p. 408.

8. Ferenczi, S. **“Le problème de l’affirmation du déplaisir”** (1926). O. Complètes. Ed. Payot. Vol. III, p. 393.

9. Freud, S. **“Le problème économique du mosochisme”** em Névrose, psychose et perversion. Ed. PUF p. 291-292. Ed. Std. Bras. Vol. XIX p. 204-206.

10. Laplanche, J. **“Vie et mort en psychanalyse”**. Ed. Flammarion p. 137-143.

11. Freud, S. **“Totem e tabou”** (1913). Payot, p. 163. Ed. Std. Bras. Vol. XIII, p. 170.

12. \_\_\_\_\_ **“Le petit Hans”** (1909) em Cinq Psychanalyses. Ed. Std. Bras. Vol. X, p. 54.

13. Menezes, L.C. **“O homem dos ratos**

**e a questão do pai”**. Revista Percurso nº 5 (1991).

14. Freud, S. **“Au-delà du principe de plaisir”** (1920) em Essais de psychanalyse. Payot (PBP) p. 102. Ed. Std. Bras. Vol. XVIII, p. 74-75.

15. Spielrein, S. **“La destruction comme cause du devenir”** em Sabina Spielrein entre Freud et Jung. a) p.220; b) p. 235 e 257.

16. Federn, P. **“Compte rendu”** em Sabina Spielrein entre Freud et Jung, p. 261-262.

#### NOTAS

(a) Na Interpretação dos Sonhos Freud menciona a análise de um paciente obsessivo, que já não saía de casa tomado pelo medo de vir a matar as pessoas que passavam por ele. Este homem passava o seu tempo procurando alibis para o caso de ser acusado por qualquer dos crimes cometidos na cidade. Vivía sob a pressão, diz Freud, de pulsões assassinas inconscientes contra o pai.

(b) Em Totem e Tabu (1913) Freud trata exaustivamente do problema da ambivalência entre amor e ódio e da culpabilidade, traçando um paralelo entre os tabus dos “povos primitivos” e a neurose obsessiva.

(c) Próximo da noção de objeto parcial de K. Abraham e M. Klein, e de objeto “a” de Lacan.

(d) Noto que aqui é importante pois, também, a outra grande polaridade da vida psíquica, o eixo prazer-desprazer.

(e) A tensão entre o eu e o super-eu (o outro introjetado) transpõe para o cenário intrapsíquico a oposição geradora de ódio narcísico entre o eu e o outro.

(f) Vertente da obra de Freud que se abre para as concepções de Melanie Klein, mas que precisaria ser temperada se levarmos em conta um tema fundamental das teorias de Freud e que não discutimos neste trabalho, qual seja, o do complexo de Édipo. De fato, não podemos esquecer que para Freud a culpabilidade, assim como a origem da moral, da religião e da organização social se assenta sobre o mito ou a fantasia do assassinato do pai<sup>11</sup>. O super-eu “herdeiro” do complexo de Édipo. O sentimento de culpa decorre em Freud não só do temor pelo que possa ocorrer ao objeto da ambivalência amor-ódio, numa relação interpessoal (cf. por exemplo o caso do Pequeno Hans — ref<sup>12</sup> 12), mas também da interdição, suprapessoal em sua natureza, do incesto. Os dois planos estão presentes na obra de Freud e sua articulação é, para mim, ainda um problema (cf. meu estudo sobre o Homem dos Ratos ref<sup>13</sup> 13).